

**ASSUNÇÃO, Ronaldo.** *Mário de Andrade e Jorge Luis Borges: poesia, cidade, oralidade.* Campo Grande: Ed. UFMS, 2004. 292 p.

Rosana Cristina Zanelatto Santos \*

### **ORA, CIDADES... OU BORGEANDRADEANDO POR BUENOS AIRES E POR SÃO PAULO**

*[...] Essa cidade que não se elimina da cabeça é como uma armadura ou um retículo em cujos espaços cada um pode colocar as coisas que deseja recordar: nomes de homens ilustres, virtudes, números, classificações vegetais e minerais, datas de batalhas, constelações, partes do discurso. Em cada noção e cada ponto do itinerário pode-se estabelecer uma relação de afinidades ou de contrastes que sirva de evocação à memória. [...]*

(Italo Calvino. *As cidades invisíveis*)

Se nas imagens poéticas encontramos a cria-atividade, por via da qual se revelam a criação e o labor do ser escrevente, na crítica deveríamos nos deparar não somente com o ser crítico, mas também com o ser leitor. Afinal, todo crítico é um leitor... ou seria mais apropriado dizermos “deveria ser um leitor”? Julga-se, *grosso modo*, que ser crítico é ser severo, mordaz, numa severidade e numa mordacidade que no mais das vezes, o levam a enumerar não o que está na obra, porém o que deveria estar ou o que se desejaria estivesse. E nos perguntamos: será que esse sujeito (o crítico) se agradou daquilo que leu?

O ser escrevente Ronaldo Assunção, que também é professor de Literatura de Língua Espanhola na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *Campus* de Campo Grande, assume com habilidade (e com entusiasmo) seu lado leitor, produzindo, numa leitura feita de inúmeras (re) leituras, um estudo crítico-comparativo das obras do brasileiro Mário de Andrade e do argentino Jorge Luis Borges. Assim se nos releva o próprio Assunção na Apresentação de seu texto, numa percepção crítica da crítica:

*[...] A apologia à crítica se faz aqui porque essa se converte, entre os leitores, como exercícios de leitura que ampliam e renovam uma rede nunca terminada que coincide com o postulado hermenêutico que concebe toda prática interpretativa como algo que deve ser*

*compartilhado, ratificando o valor da obra e estimulando o intercâmbio de pontos de vista análogos, diferentes e antagônicos.<sup>1</sup>*

Se a crítica é um exercício de leitura e de interpretação, também é um exercício dialógico. O diálogo travado, por exemplo, entre a cidade e o campo surgido na poesia, nasce na cidade<sup>2</sup>. Ou o diálogo entre os sujeitos-escritores e suas impressões da cidade e das relações urbanas, relações estas erigidas com base no constructo imaginativo que edifica a cidade e estabelece o imaginário que permeia o urbano. Ou, nas palavras de Ronaldo Assunção,

*[...] A noção de ‘imaginário’ se vincula, com a noção de ‘imaginação’ individual que joga com as representações, com as imagens para configurar (construir) uma determinada ‘realidade’ (é uma atividade criativa do artista), o que não significa o abandono, o rechaço do real, ainda que não seja o resultado de uma percepção direta desse real.<sup>3</sup>*

Tanto Mário de Andrade quanto Jorge Luis Borges são “cronistas-poetas” da cidade, contando (e aqui citamos Walter Benjamin, referido por Assunção como um dos mais significativos “leitores da cidade” – cf. 2004, Introdução):

*[...] os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, [levando] em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente de seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos. Cada momento vivido transforma-se numa citation à l’ordre du jour [...]<sup>4</sup>*

Contar, narrar: verbos que nos atraem a outra categoria aproximativa entre Mário de Andrade e Borges – a oralidade. Mas que oralidade é esta? Ronaldo Assunção nos fala de uma oralidade-artefato, “[...] resultado de uma elaboração estético-literária (um produto da cultura letrada) e não a reprodução de uma suposta ‘oralidade primária’ (*primary orality*, para usar o termo de Walter Ong)” (2004, p. 26). Oralidade que se abriga no “corpo poético” da cidade de São Paulo:

*Improviso do mal da América*

*Lá fora o corpo de São Paulo escorre vida ao guampasso dos arranhacéus,*

*E dança na ambição compacta de dilúvios de penetas*

*Vão chegando italianos didáticos e nobres;  
Vai chegando a falação barbuda de Unamuno  
Emigrada pro quarto-de-hóspedes acolhedor da Sulamérica;  
Bateladas de húngaros, búlgaros, russos se despejam na cidade...  
Trazem vodca na sapiquá de veludo  
Detestam caninha, detestam mandioca e pimenta,  
Não dançam maxixe, nem dançam catira, nem sabem  
amar suspirando.*

.....  
*São coros, coros ucranianos batidos ou místicos, Sehnsucht d'além-mar!*

*Home... Sweet home... Que sejam felizes aqui!*<sup>5</sup>

E que também se imiscui na fala dos antepassados literários de Borges:

*El idioma de los argentinos*

*[...] tono de su escritura fue el de su voz; su boca no fue la contradicción de su mano. Fueron argentinos con dignidad: su decirse criollos no fue una arrogancia orillera ni un malhumor. Escribieron el dialecto usual de sus días: ni caer en españoles ni degenerar en malevos fue su apetencia. Pienso en Esteban Echeverría, en Domingo Faustino Sarmiento, en Vicente Fidel López, en Lucio V. Mansilla, en Eduardo Wilde. Dijeron bien en argentino.*<sup>6</sup>

Borges que, aliás, afirmava não acreditar em qualquer discussão que não começasse ou se distendesse por exemplos<sup>7</sup> (credo que também faz parte da formação desta que se dá a criticar a obra de Ronaldo Assunção...).

Da confluência dos elementos enumerados por Ronaldo Assunção em sua obra, percebemos que o espaço, ou melhor, a cidade e as relações que nela se estabelecem interessam a Mário de Andrade e a Jorge Luis Borges enquanto objetos semióticos, isto é, objetos capazes de produzir efeitos de sentido que, em hipótese, levarão o leitor à construção de diferentes significações.

Notamos, por via da leitura do texto de Assunção, a existência de um projeto lingüístico-literário por parte dos dois escritores estudados, na tentativa (cremos que bem sucedida) de elaborar uma realidade significativa em que o sujeito relaciona-se a formas que ele recorta segundo as especificidades de seus objetos. Essa elaboração equivaleria, pois, a um processo de construção do sujeito, um processo, enfim, identitário. Lembremo-nos com Baudelaire que

*O poeta goza do incomparável privilégio de ser, à sua vontade, ele mesmo e outrem. Como as almas errantes que procuram corpo, ele entra, quando lhe apraz, na personalidade de cada um. Para ele, e só para ele, tudo está vago; e, se alguns lugares parecem vedados ao poeta, é que a seus olhos tais lugares não valem a pena de uma visita.<sup>8</sup>*

Caso consideremos as falas do poeta (e outro “passante” da cidade) francês, para Mário de Andrade e para Jorge Luis Borges vale a pena viver e dizer “suas” cidades, assim como vale ler o texto de Ronaldo Assunção.

\* Universidade Federal de Mato Grosso

<sup>1</sup> ASSUNÇÃO, Ronaldo. *Mário de Andrade e Jorge Luis Borges: poesia, cidade, oralidade*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

<sup>2</sup> Cf. BORGES *apud* ASSUNÇÃO, 2004, Introdução: “*La poesia nace de la ciudad y también la poesia que celebra los motivos del campo.*”

<sup>3</sup> ASSUNÇÃO, 2004, Introdução.

<sup>4</sup> BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sergio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 223.

<sup>5</sup> ANDRADE *apud* ASSUNÇÃO, 2004, Capítulo I - Mário e a "Língua Portuguesa".

<sup>6</sup> BORGES *apud* ASSUNÇÃO, 2004, Capítulo II - O idioma dos argentinos em Borges.

<sup>7</sup> Cf. BORGES, Jorge Luis. Música da palavra e tradução. In: \_\_\_\_\_. *Esse ofício do verso*. Tradução José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 64.

<sup>8</sup> BAUDELAIRE, Charles. As multidões (tradução Aurélio Buarque de Holanda Ferreira). In: \_\_\_\_\_. *Poesia e Prosa*. Org. por Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 289.